

DESRESSENTINDO...

GENEROSIDADE E GRATIDÃO COMO BOA VINGANÇA

JULIANA MERÇON *

PENA E AMIZADE:
DOIS SENTIMENTOS INCOMPATÍVEIS.
OLIVER GOLDSMITH

I. PENA E VINGANÇA

A imitação dos afetos é, para Spinoza, o mecanismo que nos permite compreender por que sentimos pena. Se a natureza de um corpo exterior é semelhante à natureza do nosso corpo, então a ideia do corpo exterior que imaginamos implicará uma afecção do nosso corpo semelhante à afecção do corpo exterior. Consequentemente, se imaginamos a alguém semelhante a nós experimentando algum afeto, essa imaginação expressará uma afecção do nosso corpo semelhante a esse afeto e, desta forma, em virtude do fato de imaginar uma coisa semelhante a nós experimentando algum afeto, somos afetados por um afeto parecido ao seu.¹ Assim como invejamos aqueles semelhantes que percebemos estar bem, sentimos pena daqueles que vemos estar mal, com maior ou menor intensidade a depender da força com a qual nos conectamos ao que nos afeta.² Sentir pena (*commiseratio*) é vivenciar uma tristeza acompanhada da idéia de um mal sofrido por um outro que imaginamos ser nosso semelhante.³ É um ‘sofrer com’ (*Mitleid*), sempre sinônimo de uma forma de fraqueza. Como fraqueza ou tristeza, a pena é, em si, má e inútil:⁴ é um afeto pelo qual a potência de agir do corpo é diminuída

ou refreada. As vozes de Spinoza e Nietzsche coincidem ao denunciar que a pena não é uma virtude, não nos potencializa, não nos permite compreender ou agir.

Nietzsche, porém, parece levar ainda mais longe sua reflexão sobre esta paixão triste. Propõe, por exemplo, que sentir pena de alguém é uma maneira de estabelecer uma desconfortável relação assimétrica, na qual aquele que sente pena é posto em uma posição superior à daquele a quem a pena se dirige. Zaratustra diz: “Envergonho-me de ter visto sofrer o que sofre, por causa da vergonha dele; e quando acudi em seu auxílio, feri-lhe rudemente o orgulho”.⁵ O afeto de pena seria, portanto, acompanhado tanto por um sentimento de auto-elevação como pela vergonha vivida por aquele que é posto em posição inferior. Por implicar o rebaixamento daquele a quem a pena se dirige, uma ferida em seu orgulho ou o seu envergonhamento, o afeto de pena instaura uma relação que invoca por parte de quem é objeto de pena uma retaliação ou vingança. Nietzsche sugere que “grandes favores não tornam ninguém agradecido, mas apenas vingativo; e mesmo o pequeno benefício, não sendo esquecido, torna-se um verme roedor”.⁶ Por este motivo, diante de um amigo que sofre, o filósofo recomenda ser para ele “um asilo”, mas para evitar o efeito de vingança que à pena se associa, diz que convém ser também “um leito muito duro”, “uma cama de campanha”. Já a relação com os mendigos por quem sentimos pena seria um beco sem saída, pois “desgosta-se uma pessoa por lhes dar; e desgosta-se por não lhes dar”.⁷

A contribuição nietzscheana mais contundente talvez não se refira, no entanto, às

* Doutoranda em filosofia pela UNIVERSIDADE DE QUEENSLAND (Austrália), doutora em filosofia da educação pela UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ e professora do INSTITUTO MICHOACANO DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN (México).

¹ EIII P27 D.

² EIII P32 Esc.

³ EIII Def Af 18.

⁴ EIV P50.

⁵ AZ II 25.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*

explicações sócio-psicológicas da forte associação entre pena e vingança, mas sim à interpretação desses afetos como conceitos ontológicos. Foi por sentir pena dos homens que Deus morreu, anunciou o diabo a Zarathustra.⁸ O amor de Deus pelos homens era o seu inferno – um amor entristecedor, compassivo, que aniquilou suas forças. Embora concorde com o fato anunciado pelo diabo, o homem mais feio contesta sua causa – diz que por Deus ver os abismos dos homens, toda sua oculta ignomínia e fealdade, por sua pena não conhecer a vergonha, por ser o mais compassivo, curioso e importuno, por ser uma eterna testemunha que assiste a tudo, Deus sofreu com a própria morte a vingança perpetrada pelo homem.⁹ A pena sentida por Deus acentuava a inferioridade humana e paralisava suas criaturas. Para agir e tentar afirmar finalmente sua própria vida, o homem teve que matar Deus.

II. RESSENTIMENTO

Não obstante, a vingança define-se como sendo um sentimento exclusivamente retaliador. Por ser sempre uma *reação* e não propriamente uma ação, envolve o risco de permanecer subordinado ao objeto que procura rechaçar.¹⁰ Dirigido a Deus ou à vida como um todo, o sentimento de vingança é uma impotente negação da existência que, quando sublimada ou espiritualizada, se converte em ressentimento. Nietzsche distingue, portanto, vingança – que seria uma “intoxicação”, um sentimento de ódio e rancor, “uma grande loucura” – de ressentimento – “a loucura da vingança que adquiriu espírito” ou “a mais espiritualizada das revanches”. Poderíamos dizer que enquanto a vingança é um afeto reativo que segue a um mal causado, o ressentimento é um produto que deriva da internalização vasta e dispersa da vingança. A vingança é, para Nietzsche, a fonte mais significativa do ressentimento.

O ressentimento é, portanto, um estado geral que envolve uma vingança não efetuada e dissipada em sua relação com a vida. A pessoa ressentida é aquela que abandona sua esperança de atuar vingativamente e não mais age com base

em um julgamento restaurador. Além de desistir de restaurar o mal que sente ter sido a ela causado, ela passa a desvalorizar seu próprio espírito vingativo e o converte em algo aparentemente positivo. A pessoa de espírito ressentido é aquela que considera a sua impotência de agir e de reverter o mal que experiencia como uma prova de sua bondade. A pessoa ressentida se orgulha, assim, por sofrer com equanimidade. Esta espiritualização da vingança é o que gera e mantém o conjunto de valores judaico-cristãos, apontada por Nietzsche como origem fundamental do ressentimento em nossa cultura.

Em sua associação direta com a vingança e indireta com a pena, o ressentimento não se reduz a um sentimento, mas refere-se a um estado mental ou, mais amplamente, ao que Nietzsche define como um “modo de avaliação”. Disseminado como atitude enfraquecida, que a tudo recebe e interpreta com as lentes da passividade, o ressentimento modela-se como forma de vida. Assim, se para alguns a felicidade não se separa da atividade, no caso dos impotentes, dos escravos, repletos de setimentos venenosos e hostis,

[...] a felicidade aparece essencialmente como narcosis, aturdimento, quietude, paz, sábado, distensão do ânimo e relaxamento dos membros, isto é, dito em uma palavra, como algo *passivo*. Enquanto a pessoa nobre vive com confiança e franqueza frente a si mesma, a pessoa de ressentimento não é nem franca, nem ingênua, nem honesta ou direta consigo mesma. Sua alma ‘olha de rabo de olho’, seu espírito ama os esconderijos, os caminhos tortuosos e as portas falsas, todo o encoberto a atrai, sua segurança, seu alívio.¹¹

Como negação impotente da vida, o ressentimento dá origem a muito do pensamento ocidental. Desviamos da imensa possibilidade que temos para afirmar a vida e a camuflamos com a metafísica, com noções de uma realidade transcendente, próprias de um espírito ressentido. O espírito da pessoa ressentida alimenta-se do seguinte raciocínio: este mundo, esta vida não tem sentido; por conseguinte, um outro mundo melhor deve existir acima ou para

⁸ AZ II 25.

⁹ AZ IV 67.

¹⁰ GM II 11.

¹¹ GM I 10.

além deste. Como o sentido da vida não pode residir no aqui e agora; ele deve se encontrar em algum lugar além da vida, em Deus ou em um outro mundo. Desta maneira, o espírito ressentido se vinga do aqui e agora, matando-os.

III. AFIRMAÇÃO DA VIDA

A afirmação da vida e do mundo como são, a celebração do aqui e agora através da expressão máxima de nossa potência é, para Spinoza, o caminho e a vivência a que chama liberdade. Assim como a filosofia nietzscheana se dedica à superação do mundo-espírito moralizado pelo ressentimento, o spinozismo também se erige em repúdio à nefasta experiência da vida como martírio. Ambos filósofos mostram-nos que a criação de um viver como pura afirmação reside no entendimento ativo de que tudo o que há é fruto da necessidade. *Amor fati* e *amor Dei intellectualis* são antídotos contra a pena, a vingança e o ressentimento estéril – são formas de vida rara e dificilmente conquistadas por aqueles que afirmam-se em potência e liberdade. Nas palavras de Spinoza:

Aquele que compreende retamente que todas as coisas se seguem em virtude da necessidade da natureza divina, e que se produzem segundo as leis e regras eternas da natureza, não encontrará em verdade nada que seja digno de ódio ou desprezo, nem terá pena de ninguém, senão que se esforçará, tanto quanto a virtude humana o permite, para “fazer o bem” – o se diz – para estar alegre. A isso se soma que quem costuma ser tocado pela pena, e se comove diante da miséria ou das lágrimas alheias, faz coisas das quais logo se arrepende, tanto porque, se guiado pelo mero afeto, não faz nada que saiba com certeza ser bom, como porque as falsas lágrimas enganam facilmente.¹²

A pena encontra, portanto, no entendimento ativo da necessidade a sua transformação. A tristeza ocasionada pela desaparecimento de um bem se mitiga, por exemplo, quando se compreende que este bem não podia ser conservado de nenhum modo. Assim também, nos diz Spinoza, vemos que ninguém

sente pena de uma criança por esta não saber falar, andar e por viver vários anos como inconsciente de si mesma.¹³ Esse entendimento do caráter necessário das coisas parece ser para Nietzsche uma forma não apenas de afetar-se menos com tristezas, mas também uma maneira de ‘embelezar a vida’. Inversamente, se não é possível amar o que se nos apresenta, seja ele bom ou ruim, então talvez possamos simplesmente seguir em frente ou “passar”:

Olhando a grande cidade, Zarathustra, suspirou e ficou um longo tempo calado. Um louco furioso, movido por um forte espírito de desafeto e vingança, lhe havia prevenido que só encontraria o que há de mais deplorável naquele lugar.

Também eu estou desgostoso nesta grande cidade. Aqui e ali nada há o que melhorar, nada há que piorar. Ai desta grande cidade! Queria ver já a coluna de fogo em que se há de consumir. Isto, contudo, tem o seu tempo e o seu próprio destino. A ti, louco, te dou este ensinamento a modo de despedida: por onde já não se pode amar, deve-se... *passar!*.¹⁴

“Por onde já não se pode amar, deve-se... *passar!*”. O amor ao destino aparece aqui não como uma resignação passiva aos males e tristezas que atravessam a vida, mas como uma espécie de fatalismo ativo que se assemelha ao amor intelectual spinozano: simultaneamente compreensão e aceitação do todo complexo que é a natureza. Para Nietzsche, o grande amor que é expressão de uma vida afirmativa, “está acima da pena, porque aquele que ama quer também... criar o que ama”.¹⁵ Distante da pena, da vingança e do ressentimento, a afirmação da vida como ela é equivale ao esplêndido ‘eu posso’ do artista – potência que é maximizada através do saber corpóreo de sua conectividade com o todo.

IV. GENEROSIDADE, GRATIDÃO E A ‘BOA VINGANÇA’

A pessoa que guia-se pela razão e que assim afirma-se em sua compreensão conectiva, diante do sofrimento e do ódio, é movida pela

¹³ EIV P6 Esc.

¹⁴ AZ LI.

¹⁵ AZ XXIV.

¹² EIV P50 Esc.

generosidade, e não pela pena ou vingança, ensina-nos Spinoza.¹⁶ As ações que seguem dos afetos ativos, isto é, que derivam do entendimento da necessidade, são mostras da força do caráter, os quais Spinoza divide em coragem (*animositas*) e generosidade (*generositas*). Generosidade é o desejo que, segundo os ditames da razão, engendra o esforço para ajudar a outras pessoas e a uni-las a si em amizade. As ações que se referem somente ao bem do agente são chamadas de coragem ao passo que as que se dirigem ao bem dos outros é chamada generosidade.¹⁷

Os que vivem segundo aconselha a razão se empenharão para retribuir ódio com amor, isto é, com gentileza.¹⁸ As mentes não são conquistadas pela força, mas sim, nos diz Spinoza, por amor e generosidade.¹⁹ O amor e a generosidade apresentam-se aqui como o oposto da vingança, como uma estratégia capaz de reverter discórdia em amizade. A generosidade é para Spinoza um afeto ativo, uma potência da alma que compreende, um desejo orientado pela razão rumo aos outros, uma força que produz a amizade. Como aponta Diego Tatián, existe uma relação de reversibilidade entre a fortaleza da alma que busca conservar-se e a generosidade enquanto força afetiva que se empenha para realizar a conservação do outro.²⁰ Desde o *Tratado da correção do intelecto*, Spinoza reforça a ideia de que perseverar no ser possui uma dimensão coletiva: o esforço para que muitos gozem do conhecimento que é sinônimo de união com a Natureza participa da felicidade que é o uso máximo de nossas potências.²¹ Este empenho para formar uma sociedade em que muitos desfrutem da alegria que é o exercício da razão não é altruísta nem egoísta – e sim uma mostra da compreensão dos laços de interdependência que nos unem, do entendimento de que somos mais fortes entre nossos pares e não em solidão.²²

Como desejo ativo, a generosidade não é para Spinoza uma obrigação heterônoma, uma

norma transcendente ou um mandamento moral. Na *Ética*, aparece vinculada à noção de amor.²³ Essa generosidade amorosa, exercício inteligente e auto-afirmador que se une às potências alheias, não vacila entre tristezas, projeções imaginativas ou dependências impotentes. Revela-se como uma forma de amor intelectual do todo que é a Natureza, o que vem a incluir um amor intelectual dos que são a nós semelhantes. Desde a maior distância possível dos afetos tristes de pena e vingança, a generosidade spinozista, defende Tatián, parece insinuar um vínculo que nos permite pensar a própria política como amor intelectual.²⁴

Em uma sociedade onde muitos são livres, o exercício da generosidade e da gratidão se intensificam.²⁵ Para Nietzsche, a vida abraçada com liberdade e em sua inteireza inspira-nos a sentir-nos celebrativamente gratos. Do mais alto sentimento de alegria e potência, a gratidão (*Dankbarkeit*) traduz-se, segundo Nietzsche, como “boa vingança”:²⁶

Gratidão em tempo de colheita, vitória, paz – alguns acontecimentos invocam um *sujeito* em relação ao qual o sentimento se descarrega. Deseja-se que todas as coisas boas que acontecem a alguém, tenham sido *feitas* – deseja-se que haja feitor. Da mesma forma, diante de uma obra de arte, evoca-se quem a fez. O que é então esta evocação? Uma tentativa de equilibrar o que se percebe como benefícios recebidos, um ‘dar de volta’, uma forma de atestar nosso poder [...] pois ao evocar aquilo que gera as coisas, afirma-se, decide-se, estima-se, julga-se: nos damos o direito de ser capazes de afirmar e de distribuir honras [...] O mais alto sentimento de felicidade e vida é também o mais alto *sentimento de poder*: a partir deste sentimento se evoca (a partir deste sentimento se inventa e se busca algo que tenha feito as coisas, um *sujeito*). A gratidão se apresenta como *boa vingança*: demandada e praticada onde a igualdade e a honra são mantidas firmes, onde a vingança é melhor efetuada.²⁷

¹⁶ EV P10 Esc.

¹⁷ EIII P59 Esc.

¹⁸ EIV P46 D.

¹⁹ EIV Ap 11.

²⁰ Tatián, Diego. *Ontología de la generosidad*. In: Diego Tatián (comp.) *Spinoza. Cuarto coloquio*. Córdoba: Brujas, 2008, p. 464.

²¹ TCI 14.

²² EIV P73.

²³ EIV P46, EIV cap 11, EV 10.

²⁴ *Op.cit.* p. 466.

²⁵ EIV P71.

²⁶ KSA 9, 79 “Dankbarkeit als gute Rache”.

²⁷ KSA 9, 79 (minha tradução).

Um espírito não ressentido é um espírito generoso e grato. Não por uma bondade maquiada e impotente, não pela frustração de não poder se vingar do mundo, não por assim praticar o gesto que o levará a uma vida melhor, mas porque seu entendimento acolhe o que há e o converte em poder próprio. Generosidade e gratidão são a vingança da pessoa sábia: são afetos que retribuem ao mundo, em um gesto difícil e raro, a pura afirmação da vida.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, Friedrich. **On the genealogy of morals.** Translated by Walter Kaufmann. New York: Vintage, 1967.

_____. **Thus Spoke Zarathustra.** Translated by Walter Kaufmann. New York: Random House, 1976.

_____. **Kritische Studienausgabe.** Berlin: de Gruyter, 1980.

SPINOZA, Benedictus. **Tratado da correção do intelecto.** Tradução de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os pensadores).

_____. **Ética.** Edição bilíngue. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TATIÁN, Diego. **Spinoza. Cuarto coloquio.** Córdoba: Brujas, 2008.

